



Estereotipia é linguagem? Sentidos na terapêutica de crianças do espectro autista

Is stereotype language? Senses in the therapeutics of children of the autistic spectrum

Esteriotipia es lenguaje? Sentidos en la terapia de niños con espectro autista

Ellen Fernanda Klinger*
Ana Paula Ramos Souza**

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi investigar as possíveis relações entre as estereotipias e o desenvolvimento de linguagem em crianças do espectro autista. Os sujeitos deste estudo foram três meninos com diagnóstico de Transtorno Global do Desenvolvimento, suas mães e a fonoaudióloga responsável pela condução do processo terapêutico. Foram realizadas filmagens de trinta minutos com cada uma das crianças em interação com suas mães ou com a fonoaudióloga, na brincadeira livre, durante o primeiro e décimo mês de terapia. Também foram feitas entrevistas continuadas com as mães. Os dados foram transcritos e analisados qualitativamente. Em todos os casos, inicialmente foi observado que o aumento dos jargões, fala ecológica e movimentos estereotipados ocorriam mais durante os momentos em que a mãe agia de forma diretiva para captar a atenção do filho. O sujeito 1 apresentou menor evolução em termos de supressão de estereotipias, o que esteve relacionado à maior gravidade do distúrbio psíquico e de linguagem. Os sujeitos 2 e 3 apresentaram maior desenvolvimento de linguagem oral, tanto em termos de ocupação de posições discursivas quanto em relação ao maior domínio gramatical, bem como diminuição das estereotipias. Verificou-se a diminuição das estereotipias correlacionada ao desenvolvimento da linguagem nos três sujeitos estudados, sobretudo nos sujeitos 2 e 3 que iniciaram a fala. Todos os sujeitos demonstraram que as estereotipias eram engatilhadas por situações dialógicas, ou seja, embora menos evoluídas em termos expressivos do que outras formas linguísticas, não eram desprovidas de sentido.

Palavras-chave: Transtorno Autístico; Linguagem infantil; Relação mãe-filho.

**Psicóloga, profissional do Centro de Atenção Psicossocial Infantil, Bagé (RS), Brasil. Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), Brasil.*

***Docente do Curso de Graduação em Fonoaudiologia e do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), Brasil.*

Contribuição dos autores: *EFK transcrição e análise dos dados, elaboração do artigo; APRS orientação da pesquisa, análise dos dados e escrita final do artigo.*

Conflito de interesses: *Não*

Endereço para correspondência: *Ana Paula Ramos Souza. Rua Raposo Tavares 134, apto 401, Santa Maria - RS 97015-560. E-mail: ramos1964@uol.com.br*

Recebido: *20/01/2014; Aprovado:* *09/06/2014*



Abstract

The aim of this research was to investigate the possible relationship between stereotypes and language development in autistic spectrum children. The subjects of this study were three boys with diagnoses of Global Development Disorder, their mothers and the speech therapist responsible for the conduction of the therapeutic process. Films of thirty minutes were made of children in interaction with their mothers or with the speech therapist in free play during the first and tenth month of the therapy. Continued interviews were made with the mothers, too. The data were transcribed and analyzed qualitatively. In all the cases, at first it was observed that the increasing of the jargons, echolalia speech and stereotyped movements occurred more on moments in which the mother acted on a directive form to catch the attention of her son. The subject 1 presented lesser evolution suppression terms of stereotypes due to increasing precariousness of his play and language development established in the beginning of the therapy. In the subjects 2 and 3 there was a great development of the oral language, not only in occupation of discursive positions, concerning a larger grammar domain, as well as a decrease of stereotypes. It was verified the diminishing of stereotypes with the development of language in the three subjects studied, overall in the subjects 2 and 3 that began the speaking. All the subjects showed that the stereotypes were triggered by dialogical situations, that is, though less advanced in expressive terms than other linguistic forms, they were not meaningless.

Keywords: *Autistic disorder; child language; mother-child relations.*

Resumen

El objetivo de esta investigación fue analizar la posible relación entre las estereotipias y el desarrollo del lenguaje en los niños del espectro autista. Los sujetos de este estudio fueron tres niños diagnosticados con Trastorno Generalizado del Desarrollo, sus madres y el fonoaudiólogo responsable de conducir el proceso terapéutico. Fueron realizados filmes de treinta minutos con cada uno de los niños en la interacción con sus madres o con el fonoaudiólogo, en el juego libre, durante el primer y el décimo mes de la terapia. También se realizaron entrevistas continuas con las madres. Los datos fueron transcritos y analizados cualitativamente. En todos los casos, inicialmente, se observó que el aumento de la jerga, del habla con ecolalia y de los movimientos estereotipados ocurrió más en momentos cuando la madre estaba actuando de manera directiva para captar la atención del niño. El sujeto 1 mostró menor evolución en relación a la supresión de la estereotipia, debido a la precariedad de su juego y el desarrollo del lenguaje a la iniciación de la terapia. Los sujetos 2 y 3 presentaron mayor desarrollo del lenguaje oral, tanto en términos de ocupación de posiciones discursivas, cuanto con respecto al mayor dominio de la gramática, así como una disminución de las estereotipias. Hubo una reducción de las estereotipias correlacionadas con el desarrollo del lenguaje en los tres sujetos estudiados, especialmente en los sujetos 2 y 3, que empezaron a hablar. Todos los sujetos demostraron que las estereotipias eran provocadas por situaciones dialógicas, o sea, aun que menos avanzadas en términos expresivos que otras formas lingüísticas, no eran sin sentido..

Palabras clave: *Transtorno Autístico; Lenguaje Infantil; Relaciones madre-hijo.*

Introdução

O autismo tem sido conceituado como uma síndrome comportamental comprometedora do desenvolvimento infantil¹, marcada por prejuízos em três áreas: interação social; comunicação verbal e não verbal; comportamentos, interesses e atividades estereotipados². Tal patologia corresponde a um complexo de síndromes, uma vez que existe

variabilidade no grau de comprometimento das três áreas afetadas, justificando a adoção do termo Transtornos Invasivos do Desenvolvimento³. Refere-se, portanto, a um espectro bastante heterogêneo de manifestações autísticas⁴, que neste trabalho será abordado como espectro autístico.

Dentre as características clínicas descritas nos quadros do espectro autístico, as dificuldades

de linguagem verbal e não verbal estão sempre presentes, com graus variáveis de alterações^{5,6}. Na literatura, são citados: jargões ininteligíveis, alterações na estrutura do discurso, inadequação no uso da prosódia, dificuldades gramaticais e de organização da linguagem, repetições, uso limitado de gestos, não inversão pronominal, entre outros. Frequentemente, são mencionadas as estereotipias verbais, em especial a ecolalia⁷⁻¹¹, e as não-verbais, como, por exemplo, o *flapping* e o *rocking*¹². Tais limitações podem se referir à não aquisição da linguagem, à perda das vocalizações adquiridas ou a peculiaridades nas manifestações verbais desses sujeitos¹³.

Enquanto alguns estudos atribuem às falas ecológicas o valor de repetição desprovida de qualquer significação e sentido⁸, outros acreditam que essas produções carregam sentidos e sofrem a interferência do contexto em que ocorrem e da pessoa que está interagindo com a criança¹² ou então que a sua intenção comunicativa apareceria em determinados momentos¹⁰. Em artigo acerca da aquisição da linguagem em crianças do espectro autista, pesquisadoras apontam que a análise da linguagem não verbal desses sujeitos nos contextos dialógicos vem sendo negligenciada⁷.

Fundamentadas na perspectiva do Interacionismo brasileiro, pesquisadoras consideram que a aquisição da linguagem nos sujeitos do espectro autista estaria significativamente afetada e que os efeitos provocados pelas (re)produções desses sujeitos no outro/interlocutor denunciam uma particular posição do mesmo diante da língua, de exclusão, de proteção contra a angústia^{12,16}. Essas falas e ações dificultam a interpretação do interlocutor⁷, compondo um obstáculo no estabelecimento do diálogo¹⁶ e, muitas vezes, são compreendidas pelos pais como desprovidas de sentido, de qualquer significação¹⁰.

Desta forma, percebe-se que as dificuldades envolvendo a linguagem em casos do espectro autista são anteriores ao desenvolvimento da fala, momento que os familiares começam a se preocupar com o não aparecimento da linguagem verbal, e o fonoaudiólogo é um dos primeiros profissionais requisitados^{3,17}.

Uma das propostas terapêuticas fonoaudiológicas nesses quadros clínicos é a que tem por base os trabalhos do Interacionismo brasileiro^{10,13}, perspectiva adotada neste estudo. Tal teorização se aproxima da Psicanálise ao considerar o caráter

constituente da linguagem no sujeito, o contexto dialógico, a posição discursiva ocupada pela criança em relação à língua e as possibilidades de mudança dessa posição como sendo elementos propulsores da construção do sistema linguístico¹⁴.

Em Psicanálise, mais especificamente na corrente teórica winnicottiana, é dada grande relevância ao *holding* e ao conceito de mãe ambiente para o desenvolvimento emocional das crianças, bem como no atendimento de crianças do espectro autista. O *holding* é o modo como o bebê é sustentado pela mãe, que protege e apresenta os objetos ao filho. Desta forma, consiste nas experiências de cuidado que proporcionam a possibilidade de o bebê vivenciar experiências integradoras com o ambiente. Fazem parte desse *holding* o contato físico da mãe com o bebê e, também, a voz e linguagem que dirige a ele^{15,16}.

Considerando as referências abordadas, o objetivo desta pesquisa foi investigar as possíveis relações entre as estereotipias e o desenvolvimento da linguagem em crianças do espectro autista. Como objetivos específicos estão a investigação da relação entre a frequência das estereotipias com a possibilidade de ocupação de novas posições discursivas e o consequente avanço no domínio gramatical. Também buscou-se investigar se as estereotipias possuíam sentidos ou não, e se eram engatilhadas pelo contexto dialógico.

Apresentação dos Casos Clínicos

Condutas e Procedimentos Metodológicos

Este estudo consistiu em pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso.

Os casos selecionados foram três meninos com idades entre dois e quatro anos, juntamente com as suas mães. Foram adotados nomes fictícios para as crianças (Antônio, Mateus e Cauã) e, para as mães, a letra M seguida da inicial do nome do filho (MA, MM e MC).

O critério de inclusão das crianças foi ter diagnóstico de Transtorno Global do Desenvolvimento, com características do espectro autista, ou seja, no continuum entre normalidade e autismo clássico. Tal diagnóstico foi realizado no caso de Mateus e Cauã por uma neuropediatra do Hospital Universitário da mesma instituição de ensino superior da clínica escola na qual a pesquisa foi realizada. No caso de Antônio, o diagnóstico foi

dado pelo neuropediatra da clínica escola. Para tal diagnóstico ambos profissionais seguiram o DSMIV. Nos referidos exames neurológicos não foram encontradas alterações lesionais. Ainda em termos biológicos, a audição dos três sujeitos estava dentro dos padrões de normalidade ao início e término da pesquisa.

As crianças e suas mães foram filmadas durante momentos de interação no brincar livre, contando com a participação da fonoaudióloga/terapeuta quando necessário. As filmagens ocorreram no primeiro mês do processo terapêutico fonoaudiológico e após um intervalo de dez meses, totalizando seis filmagens de trinta minutos cada.

Salienta-se que a observação das interações mãe-criança vem ganhando bastante foco em pesquisas abrangendo o brincar, a atenção compartilhada e a linguagem em sujeitos do espectro autista^{17,18}. De forma complementar, para alguns autores, a observação da maneira como os pais brincam com a criança fornece indícios da relação deles com o filho, dos recursos utilizados na comunicação, do ambiente linguístico criado por eles e de como percebem o brincar do seu filho¹⁸.

Este estudo também considerou a situação artificial que as filmagens podem criar, sobretudo para as mães. Assim, efetuaram-se observações complementares nas sessões iniciais, as quais não foram filmadas. Nessas, pôde-se perceber comportamentos iguais aos das filmagens aqui analisadas.

Na sala, foram deixados à disposição brinquedos adequados à faixa etária da criança, pelos quais a mesma demonstrou interesse na primeira sessão. Uma câmera digital da marca Olympus foi deixada em local estratégico que permitisse a visualização de boa parte da sala, sobretudo do local pelo qual a criança apresentava preferência.

Também foram utilizados como dados de análise as transcrições das entrevistas continuadas com as mães efetuadas pela fonoaudióloga/terapeuta. Em seus relatos, elas falaram sobre o desenvolvimento dos filhos, a dinâmica familiar, como percebem e estimulam o desenvolvimento da linguagem, entre outros aspectos.

Esta pesquisa se encontra inserida no projeto Clínica da Subjetividade nos Retardos de Aquisição da Linguagem, já aprovado no processo 23081.010681/2007-41, com CAAE 0117.0.243.000-07. Os responsáveis pela criança foram informados sobre a sua participação voluntária e consultados sobre o desejo ou não de participar

deste estudo. Todos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

Os dados coletados foram transcritos e analisados qualitativamente, comparando-se os resultados obtidos ao início do processo terapêutico e após dez meses. Essa análise baseou-se na teoria Interacionista para a análise dos processos dialógicos, posições discursivas ocupadas pelas crianças em relação aos três pólos de funcionamento da linguagem (do outro, da língua e do falante/ouvinte) e na Psicanálise, conforme estudo já relatado, para observar os tipos de demanda e lugar ocupado pela criança nas interações^{14,19,20}.

Histórico dos Sujeitos

Sujeito 1: Antônio

O menino Antônio, com dois anos e quatro meses de idade ao início do processo terapêutico, foi encaminhado pela escola para atendimento fonoaudiológico devido à ausência da fala e comportamento social restrito, sem interações com os adultos e demais crianças. O diagnóstico de Transtorno Global do Desenvolvimento, ou espectro autista, foi realizado por neurologista quando o menino iniciou atendimento fonoaudiológico aos dois anos e quatro meses de idade.

A mãe relatou situações de depressão durante e após a gestação, acompanhados por períodos de negação da gravidez. Inicialmente, a maternagem foi assumida pela sogra e cunhada, o que dificultou a sua tentativa em assumir a função materna.

O pai do menino se manifesta pouco, mas demonstra desejo e interesse na evolução do filho. Apresenta antecedente psiquiátrico e diagnóstico de Transtorno Bipolar do Humor, estando em acompanhamento psiquiátrico quando iniciaram os atendimentos da criança.

As professoras da escolinha foram as que primeiro perceberam que algo no desenvolvimento da criança não estava conforme o esperado para sua faixa etária. O menino não apresentava linguagem verbal, emitia somente alguns poucos sons, possuía brincar restrito à manipulação de objetos, movimentos estereotipados, evitava o olhar e o contato das pessoas.

O diagnóstico causou grande impacto na estrutura familiar e, tendo em vista o histórico depressivo da mãe juntamente com os problemas do pai, no segundo semestre de 2009 ambos foram encaminhados e iniciaram psicoterapia individual.

Em momento de entrevista, os pais falaram que, até o oitavo mês, percebiam que o filho fazia balbucios, olhava, respondia e buscava a atenção deles, colocando os pezinhos e mãozinhas na boca do pai. Contudo, observaram que, após período marcado pela ausência paterna prolongada, figura que desempenhava os cuidados da criança nesses primeiros meses, Antônio parou com os olhares, balbucios e o jogo de trocas como as descritas há pouco.

Sujeito 2: Mateus

Mateus, com quatro anos e dois meses de idade, foi encaminhado para a terapia fonoaudiológica por neurologista e por educadora especial, com queixa de atraso na fala e diagnóstico de espectro autista. O diagnóstico foi realizado por neurologista do hospital universitário quando a criança estava com três anos de idade.

A mãe relatou que os balbucios apareceram próximo do quinto mês e as primeiras palavras, próximo do oitavo. No entanto, com aproximadamente um ano houve interrupção da fala, o que, segundo a mãe, aconteceu no mesmo período em que o pai mostrou-se mais ausente em função do trabalho. Iniciou escolarização (maternal) com um ano e oito meses, período no qual voltou a falar algumas palavras soltas, parando novamente aos dois anos e seis meses.

O menino falava poucas palavras soltas, tendo uma fala difícil de compreender. Também apresentava ecolalia, movimentos estereotipados, humor instável, agressividade e dificuldade em permanecer na mesma atividade. Embora pudesse compreender ordens simples, era seletivo quanto às informações que recebia.

Nos relatos maternos aparece a queixa da dificuldade em saber como agir com o filho: *“eu movia céus e terras pra agradá-lo e nunca conseguia... era como se não adiantasse nunca explicar, mostrar, pedir nada.”*

Da mesma forma que no caso apresentado anteriormente, a desconfiança de transtorno do espectro autista surgiu na escolinha, e as professoras sugeriram aos pais que buscassem avaliação médica para investigar o que estava ocorrendo com Mateus. O diagnóstico causou grande choque nos pais, e quando o menino iniciou a terapia, a mãe passava por um momento em que seus pensamentos e ações estavam sempre voltados a descobrir informações e esclarecimentos acerca da patologia.

Sujeito 3: Cauã

Cauã, quatro anos e seis meses, encaminhado por educadora especial com a queixa principal de dificuldade na fala e transtorno do espectro autista. O diagnóstico foi efetuado por neurologista do hospital universitário quando a criança estava com três anos de idade.

Em relação ao desenvolvimento da linguagem, após o sexto mês, demonstrou balbucio e, próximo de um ano, surgiram as primeiras palavras (“mama, papa, tata”). Não utilizava pronomes pessoais e o uso de frases simples era restrito. Também apresentava fala ecológica, jargões e falava palavras soltas, sem contexto. Não frequentava escola.

A mãe relatou que o filho chorava sem motivo aparente, deixando-a preocupada sobre o que ele estava sentindo, pois não entendia o que queria. Mesmo que o resultado tivesse sido normal na avaliação audiológica, havia desconfiança parental de que a criança não ouvia bem.

MA achava que o filho não compreendia nada e que não poderia entender porque era autista, demonstrando dúvidas sobre o futuro, principalmente, referentes a como Cauã se comportaria na escola e à sua independência. Após o início dos atendimentos, tais preocupações continuaram mesmo com a visível evolução no desenvolvimento apresentada pela criança. Dizia temer *“que ele volte a ser como antes”*.

Evolução

Antes de apresentar a evolução de cada sujeito, cabe ressaltar que os exemplos apresentados nas tabelas correspondiam a mais de 80% das cenas transcritas em 45 minutos de filmagens de todos os sujeitos ao início da terapia, e também que, durante o processo terapêutico, as crianças e seus pais eram observados em atendimentos conjuntos com a terapeuta, no espelho espião, pela orientadora deste trabalho. Por isso, embora sejam alguns exemplos, constituem uma constante nas observações tanto da orientadora quanto da terapeuta dos sujeitos. Em termos de evolução final, apenas Antônio manteve o padrão inicial mais constante; Mateus e Cauã demonstraram uma inversão percentual nos comportamentos, ou seja, as estereotípias praticamente sumiram nas sessões terapêuticas, e foram substituídas pelo diálogo. Isso também era relatado pelas mães e professores no convívio diário, fato averiguado por meio das entrevistas continuadas com os pais e visitas à escola.

Sujeito 1: Antônio

Na Figura 1, são apresentados trechos das

interações iniciais e finais de Antônio; a primeira, com a mãe, e a segunda, com a terapeuta.

Análise inicial	Análise final
<p>Episódio 1 MA: Olha ali! Viu que legal. A: Hummm. MA: Viu que legal. Ó, olha ali, A. A: Humm..Tatuuu..aaauuuu. MA: Olha ali a bolha! Olha ali a bolha, A. A: Tatuiii. MA: Olha ali, A. Atrás de ti, olha, lá tem outra. Outra ali, A. A: Hummm, atuíim. (Parece irritado, anda pela sala.) T: Tu qué ir embora? É isso? A: (Intensifica jargões, parecendo manifestar negação, irritabilidade.) MA: Vamos escrever. Olha aqui ó... olha aqui ó. A: Auiiii, tatuuumm</p> <p>Episódio 2 A: (Pega o boneco e bate com ele no chão.) MA: Ó esse é o meu, ó. (Mostra um boneco.) A: (Pega o Power Ranger, bate com ele no chão e solta gritinhos.)</p>	<p>Episódio 3 A: (Bate a bola na boca – nos dentes.) T: Que bola boa, na boca do A. (Em manhês) A: (Olha a terapeuta.) T: É bom, A! A: (Repete a cena.) T: (Silêncio – repete em manhês.) Que Bom! A: (Olha a terapeuta e inicia jogo de soltar e aproximar a bola de si, aproximando-se da terapeuta aos poucos e olhando para ela algumas vezes.) T: Essa bola é do Antônio! Não é minha! Não pega T. (Falando por ele.) A: (Aproxima-se da terapeuta e coloca sua testa na testa dela.) T: Que gostoso! (Em manhês.) A: (Afasta-se e volta a brincar com o vai e vem da bola.) (A terapeuta pega uma outra bola e faz a mesma brincadeira da criança enquanto fala.) T: Essa bola é minha! Esta aí é do A. A: (Sorri e olha para a terapeuta observando seu jogo. Levanta e vai brincar com outra bola maior.)</p>

Figura 1 – Evolução da linguagem em Antônio

Legenda: A: Antônio; MA: mãe de Antônio; T: terapeuta; (): descrição da cena

No Episódio 1 da análise da filmagem inicial, observou-se o esforço materno em chamar a atenção da criança, seja por pedidos ou contato físico, ao que a criança reagia com mais estereotipias e tentava se afastar. Havia dificuldade em interpretar o que o menino demonstrava.

Já no Episódio 2, aparecem os movimentos estereotipados e outro recurso materno para buscar captar a atenção do filho. Como percebe que a criança não olha ou parece escutar quando chamada, a mãe faz uso dos brinquedos para tentar interação.

Na análise final, algumas mudanças ocorrem (Episódio 3), como a abertura da criança para a

interação, a tradução das sensações pela terapeuta, o manhês e o olhar de Antônio dirigido à terapeuta. Cabe ressaltar que essa mudança foi vista apenas uma vez. Portanto, este caso apresentou menor evolução na linguagem oral, em termos expressivos, embora houvesse melhora na compreensão de linguagem.

Sujeito 2: Mateus

A Figura 2 traz alguns exemplos selecionados das interações na filmagem inicial e final de Mateus com a mãe, mostrando seu desenvolvimento linguístico.

Análise inicial	Análise final
<p>Episódio 4 MM: Agora o Azul? Tu consegue abrir? M: Azul MM: Azul. (Volta-se para a terapeuta querendo orientação.) M: Pula, pula, pula, pula, pula, pula... (Batendo com o pincel no papel sem prestar atenção na pintura. Isso se repete por vários minutos.)</p> <p>Episódio 5 MM: Tu qué? Lá na casa da vovó tomá banho de manguera. M: Alou. (Alô) MM: Não? M: Aamm MM: E o desenho do Mickey tu gosto de olha? M: Eaum (Eu não) MM: Tu não tá falando. M: Uhm, im...tá bim, ih. MM: E os números que tem aí no telefone? Quais são então? É o 1, o 2, o 3... qual outro tem?</p>	<p>Episódio 6 M: Não quero, T. (Continua brincando com o pratinho e a colher.)</p> <p>Episódio 7 T: Bá (susto em M.)! Posso entrar? M: Pode entra, T.! MM: Entra, T.! M: Entra, T.! (Puxa a terapeuta pelo braço.) T: Ah, muito obrigada então!</p> <p>Episódio 8 M: (Segura a bola acima da cabeça, se olha no espelho e depois joga a bola.)</p> <p>Episódio 9 MM: Olha que legal o leite! M: ... legal.</p>

Figura 2 – Evolução da linguagem em Mateus

Legenda: M: Mateus; MM: mãe de Mateus; T: terapeuta; (): descrição da cena

Na análise inicial, percebe-se que as estereotípicas motoras e verbais surgem em situações de irritação, desatenção materna, ou então quando a mãe faz muitas perguntas (Episódio 4).

Já no Episódio 5 da mesma análise, chama a atenção a dificuldade da mãe em compreender o que a criança fala e que a mesma preenche todos os turnos com a sua fala. Ao se dirigir à M, não dá espaço para a abertura do diálogo.

Na filmagem final, Mateus passa a pedir o que deseja, dirige-se às pessoas, e as suas colocações também denotam que existe um sujeito

no enunciado quando conjuga a frase na primeira pessoa (Episódio 6). Também pode ser visualizada a abertura para o contato com outras pessoas (Episódio 7), o reconhecimento da imagem corporal (Episódio 8) e a especularidade na fala da criança (Episódio 9).

Sujeito 3: Cauã

Na Figura 3, são fornecidos trechos de episódios dialógicos considerados exemplares para o entendimento do desenvolvimento da linguagem em Cauã.

Análise inicial	Análise final
<p>Episódio 10 MC: Então me diz que cor é essa aqui? Que cor é essa aqui? C: U "C". MC: O "C"! E a cor do "C", qual é? Qual é a cor do "C"? C: O "C". MC: Que cor, é igual a qual? Que cor é essa? C: "C". T: "C", e que cor ela é? C: (Fala jargonada e ininteligível.) (Logo depois, C inicia birra com tremores no corpo e se jogando no chão.)</p>	<p>Episódio 11 C: Humm. Parece que é uma bola. (Olha a cartinha que é redonda, com desenho de uma borboleta dentro.) MC: Parece uma bola porque ela tá dentro de uma bola. C:... ela tá dentro de uma bola. MC: É... que linda! Olha aqui ó, filho... e tá dentro de uma flor também. Parece, olha pra borboleta. C: Uhhh... não, não é borboleta. Tá bom, a borboleta. MC: Ahm! C: Hein, sabe o que é boboleta?</p> <p>Episódio 12 MC: Aqui ó, filho. Coloca aqui, filho... o teu... C: Coloca, eu coloco...uhiuuuuu</p>

Figura 3 – Evolução da linguagem em Cauã

Legenda: C: Cauã; MC: mãe de Cauã; (): descrição da cena

Na análise inicial de Cauã, verificou-se a presença de fala ecológica e também jargões diante da demanda sentida por ele como angustiante (Episódio 10). A criança também busca se isolar e, muitas vezes, ignora os chamados e pedidos, parecendo não estar ouvindo.

Durante a filmagem posterior, os resultados obtidos indicam o diálogo entre mãe e filho, que as repetições feitas pela criança da fala materna são características da especularidade (Episódio 11). Repete e depois reformula o que disse, fazendo a inversão pronominal, por meio da qual aparece a primeira pessoa do singular (Episódio 12).

Discussão

Por meio da análise dos resultados obtidos nas filmagens iniciais e finais dos três sujeitos deste estudo, puderam ser verificados diferentes aspectos envolvendo as estereotipias, mudanças na linguagem e contexto interacional.

Em todos os casos, inicialmente foi observado que o aumento dos jargões, fala ecológica e movimentos estereotipados ocorriam mais durante os momentos em que a mãe agia de forma diretiva para captar a atenção do filho. Tais características estavam, portanto, relacionadas ao contexto interacional, ou seja, não eram desprovidas de sentido.

No sujeito Antônio, ressalta-se o esforço materno em buscar interação com a criança quando, por exemplo, ao perceber que o filho não olha ou responde ao seu chamado, a mãe passa a usar os brinquedos para conseguir a sua atenção (Figura 1, Episódio 2). Além desse esforço, observa-se a dificuldade da mãe em compreender o que o filho queria (Figura 1, Episódio 1).

O Episódio 3 (Figura 1) da análise final de Antônio revela um movimento da terapeuta de buscar a atenção e construir vínculo com a criança, quando faz espelhamento do bater a bola nos dentes e interpreta sensações empregando o *manhês*²⁰. Esse movimento da terapeuta capta a atenção de Antônio que passa a observá-la.

O menino é invocado, chamado pela voz da terapeuta²⁰ nos momentos em que ela interpreta e dá significação às ações, e fala por ele (Essa bola é do Antônio! Não é minha! Não pega T!). A terapeuta está atribuindo sentido ao seu jogo de vai e vem da bola, ou seja, interpreta a ação da criança como demanda para ela (não pegar a bola). Essa atribuição de sentido às ações de Antônio foi fundamental para estabelecer o início de atenção

compartilhada no diálogo por parte de Antonio. Embora ainda não falasse, Antônio começava a ouvir a terapeuta e a responder não verbalmente a algumas solicitações. Naquele momento estava começando a ocupar a posição de pólo do outro, o que já se pode considerar uma evolução discursiva.

Também, no Episódio 3 (Figura 1), ao interpretar/oferecer significantes quando Antônio manipulava a bola, ou ao espelhar seu movimento com a bola, a terapeuta lhe oferece um *holding*, com seu corpo e sua voz. Essa ação criou um espaço potencial no qual o brincar simbólico e o funcionamento linguístico puderam surgir^{15,16}, mesmo que momentaneamente. Muito trabalho, no entanto, deve ser realizado para que isso possa ser sustentado pela mãe e pela terapeuta até uma evolução mais consistente no caso, já que sua intervenção foi tardia²¹, embora ouvir a voz humana já fosse uma abertura para a linguagem²⁰.

Outro aspecto observado é que as estereotipias diminuem quando Antônio se sente compreendido pela terapeuta. Na transcrição que gerou o Episódio 3, nota-se a diminuição gradativa dos balanceios e das vocalizações que os acompanhavam, em favor de um prestar atenção ao que o outro está dizendo. Isso também foi observado nas sessões seguintes a partir dessa estratégia de *manhês* da terapeuta direcionada ao brincar exploratório de Antônio.

O sujeito 2, Mateus, ao repetir insistentemente a palavra “pula” (Figura 2, Episódio 4) enquanto movimentava o pincel de maneira estereotipada, está falando, mas a mãe, absorvida por toda a sua ansiedade, parece não estar lá para escutar, prestar atenção. O “pula” é utilizado como uma defesa contra a angústia. O mesmo acontece quando, ao brincar de falar no telefone (Figura 2, Episódio 5), Mateus responde as perguntas da mãe, porém, como a fala é enrolada e de difícil compreensão, ela não consegue interpretar o que ele diz, não reconhecendo a produção do menino como fala ao dizer “*tu não tá falando*”.

A terapeuta faz um movimento de atribuição de sentido a esse pula, reconhecendo nele um signo. Tal reconhecimento coloca o sujeito como autor de sua fala e percebe ali, onde a mãe não entendia, o funcionamento de Mateus na língua. Esse reconhecimento permite que Mateus possa vir a ocupar a posição discursiva de falante/ouvinte¹⁴.

Nesse exemplo, o conceito de experiência de si no brincar¹⁶ pode ser deslocado para a formulação do conceito de experiência de si na língua.

Esse seria o papel fundamental do fonoaudiólogo, permitir que o sujeito construa essa experiência, o que lhe dará a autoria necessária para ocupar a posição falante/ouvinte.

Fatos similares puderam ser observados no caso de Cauã. Na interação de Cauã (Figura 3, Episódio 10), havia certo tempo que a criança demonstrava desejar brincar com o trem, porém a mãe continuava insistindo que nomeasse as letras do alfabeto, ao que ele inicia ecolalia, depois fala jargonada e, por fim, reage com crise de birra. Neste relato, também se pode perceber a dificuldade em interpretar/compreender o que o filho procura mostrar/falar.

As análises finais das filmagens de Mateus e Cauã apontam mudanças importantes na aquisição da linguagem desses sujeitos como a ausência das estereotípias e interpretações consistentes das mães sobre o dito pelos filhos, em todas as sessões terapêuticas, das quais os episódios são apenas alguns exemplos. Houve, portanto, um processo de construção da experiência de si na língua e no brincar, que permitiu avanços importantes na ocupação de posições discursivas por parte dos sujeitos Mateus e Cauã.

A fala de Cauã fornece indícios de que ele já pode ocupar, simultaneamente, as posições discursivas do pólo da língua e do pólo falante/ouvinte, havendo intensificação da última. No diálogo que mantém com a mãe nos Episódios 11 e 12 (Figura 3), observa-se a especularidade quando ele repete a fala materna, analisa a fala e faz reformulações, como se vê nos casos de Moro *et al.*¹⁴. Ao reformular e corrigir sua fala no Episódio 12 (Figura 3), ele faz a inversão pronominal (*eu coloco*), ficando clara a posição falante/ouvinte ocupada pelo sujeito, o que denota preocupação em se fazer ouvir e ser compreendido pela pessoa para quem endereça o enunciado.

Quanto ao desenvolvimento linguístico em Mateus, esse se encontra no pólo discursivo da língua. No episódio 8 (Figura 2), Mateus demonstra que domina a troca de referências pessoais quando a terapeuta pergunta “Posso entrar?” e ele responde com “Pode entrar, T?”. Essa mudança demonstra a construção dos sistemas de referência pessoal e de flexão verbal, evidências importantes para demonstrar que a criança está construindo o sistema gramatical, ou seja, que está ocupando o pólo da língua e que não se trata mais apenas de fala não analisada, conforme proposta de Cláudia de Lemos

deslocada para a clínica do autismo¹⁴. Outra leitura possível seria pensar na passagem de locutor a sujeito a partir do processo de apropriação linguística a partir de uma perspectiva enunciativa¹⁹, pois não se trata apenas de falar mas de poder, na interlocução, aliar o domínio semiótico ao processo de semantização da língua.

Por sua vez, ao dizer “(*eu*) Não quero, T” no Episódio 6 (Figura 2), a criança revela o seu desejo e a presença de um sujeito no enunciado ao formular a frase na primeira pessoa do singular, assim como a aquisição do conhecimento gramatical. O uso do pronome *eu* como referência a si (Figura 2, Episódio 6), bem como o momento em que se olha no espelho (Figura 2, Episódio 8) apontam à autoconsciência. Em crianças do espectro autista, o reconhecimento da imagem corporal como um todo²² e o reconhecimento de si²³ são mencionados como capacidades que estariam prejudicadas. Mateus dá indícios de superação de tais dificuldades.

Um estudo acerca da qualidade da interação mãe-criança e do reconhecimento da imagem de si em crianças do espectro autista revelou uma relação significativa entre o comportamento materno de compartilhamento de tópico e o reconhecimento de si. Também verificou uma frequência inferior do comportamento infantil de atenção compartilhada nas crianças do espectro autista em relação às crianças em desenvolvimento típico. Os resultados encontrados nesta pesquisa indicam o papel importante que a mãe desempenha para o desenvolvimento do reconhecimento de si em crianças do espectro autista²³. A partir do momento em que a mãe de Mateus passou a compartilhar o tópico com ele, observa-se que se intensificou a busca do menino pelo se olhar no espelho e também o uso da primeira pessoa do singular, indícios importantes da estruturação da imagem corporal em curso.

Outro aspecto relevante é a abertura de Mateus para o contato com outras pessoas (Figura 2, Episódio 7), o que sugere o começo da independência dele em relação à figura materna. Portanto, durante o processo terapêutico, pode-se dizer que houve uma retomada da dependência relativa com outra qualidade, ou seja, com maior sintonia entre Mateus e sua mãe, proporcionada pelo brincar conjunto. A partir daí, ele segue seu desenvolvimento, rumando para a independência¹⁶. Essa independência, observada pelo início da socialização, só foi possível pela modificação da relação com a mãe

a partir do trabalho realizado sobre o brincar e no funcionamento da linguagem na díade mãe-sujeito.

A dependência do bebê à figura e aos cuidados maternos divide-se em três tipos: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência¹⁶. Tais tipos de dependência podem ser alinhados à visão Interacionista proposta por Claudia de Lemos e utilizada por Moro *et al.*¹⁴ na terapia de crianças do espectro autista, na qual as mudanças ocorridas na fala da criança são entendidas enquanto efeitos da linguagem produzidos em sua interação com o interlocutor adulto.

Já as verbalizações de Cauã, com predomínio do pólo falante/ouvinte, indicam uma independização em relação à figura materna. Com o aumento da capacidade de ter consideração pelo outro, conforme observado^{15,16} nos episódios finais, mas também nas observações clínicas do caso, aumenta a possibilidade de reorganizar a própria fala para atender à convenção dos falantes mais maduros de sua comunidade linguística^{14,19}.

Acredita-se que os momentos de entrevistas continuadas, oferecendo um espaço para o acolhimento, escuta das angústias parentais e orientações de aspectos instrumentais e estruturais²⁴, tenham auxiliado essas mães na relação com seus filhos. A inclusão e colaboração da família com o processo terapêutico é fator determinante para a evolução do desenvolvimento não somente de crianças do espectro autista, mas de todas as crianças. Tal inclusão é parte central da estruturação subjetiva, como apontava Winnicott¹⁶ em seu trabalho.

Dentre as características clínicas apresentadas em diferentes proporções por crianças do espectro autista, as estereotipias chamam especial atenção, sobretudo pela impotência e estranhamento provocado por essas (re)produções que, muitas vezes, parecem não ter sentido e estarem fora de contexto.

Assim, alguns questionamentos que pareciam fundamentais ao início desta investigação podem ser respondidos: *Seriam as estereotipias formas menos desenvolvidas de linguagem? As estereotipias diminuiriam ou seriam suprimidas à medida que houvesse evolução da linguagem? As estereotipias são reforçadas de acordo com o contexto?*

Neste estudo, verificou-se a relação das estereotipias com o contexto em que ocorrem. Nos três sujeitos, houve aumento de condutas estereotipadas em situações sentidas como angustiantes. Isso constitui um indício da entrada da criança na linguagem, mesmo que de forma bastante primitiva.

Desta forma, acredita-se que as (re)produções de sujeitos do espectro autista devem ser consideradas com sentido e passíveis de serem significadas pelo interlocutor. É possível, portanto, afirmar que as estereotipias são uma forma de funcionamento de linguagem, particular às crianças do espectro autista, pois foram o ponto de partida do trabalho fonoaudiológico, uma vez que lhes atribua sentido. À medida em que este funcionamento avance para o uso de formas mais evoluídas de linguagem, elas poderão não ser utilizadas ou até suprimidas nos casos mais fronteiriços ao desenvolvimento mental típico.

Comentários finais

A partir da análise dos dados, observou-se que houve uma diminuição das estereotipias correlacionada ao desenvolvimento da linguagem nos três sujeitos estudados, sobretudo nos sujeitos 2 e 3, que apresentaram maior domínio gramatical e avanços discursivos importantes.

Todos os sujeitos demonstraram que as estereotipias eram engatilhadas por situações que emergiam no diálogo com as mães, ou seja, embora menos evoluídas em termos expressivos do que outras formas linguísticas, não eram desprovidas de sentido.

Também se ressalta a importância de se proporcionar um espaço de escuta e acolhimento aos pais. Conforme se observou neste estudo, a realização das entrevistas continuadas com as mães, assim como a sua inclusão no processo terapêutico, foram aspectos fundamentais para auxiliar nas interações linguísticas mãe-criança.

Referências Bibliográficas

1. BOSA C. Autismo: intervenções psicoeducacionais. Rev. Bras. Psiquiatr. 2006; 28 (1): 47-53.
2. APA - Associação Psiquiátrica Americana. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2002.
3. Gadia CA, Tuchman R, Rotta NT. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. J. pediatr. 2004;80(2):83-94.
4. Ortega F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. Cienc. saude colet. 2009; 14(1):67-77.
5. Luyster RJ, Kadlec MB, Carter A, Tager-Flusberg H. Language assessment and development in toddlers with autism spectrum disorders. J. Autism Dev. Disord. 2008;38:1426-38.
6. Balestro JI, Souza APR, Rechia IC. Terapia fonoaudiológica em três casos do espectro autístico. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol. 2009; 14(1):129-35.
7. Delfrate CB, Santana APO, Massi GA. A aquisição de linguagem na criança com autismo: um estudo de caso. Psicol. estud. 2009; 14(2):321-31.

- 8.Oliveira MT de. Reflexões sobre as falas ecológicas e a interpretação fonoaudiológica a partir da discussão de dois casos de psicose infantil. *Distúrb Comun.* 2006; 18 (3):335-44.
- 9.Watt N, Wetherby AM, Barber A, Morgan L. Repetitive and stereotyped behaviors in children with autism spectrum disorders in the second year of life. *J. Autism Dev. Disord.* 2008; 38:1518-33.
- 10.Carvalho GM, Rêgo FL, Lima DM. Aquisição de Linguagem e a Verbalização Ecológica do Autista. *Psyche.* 2003;7(12):159-74.
- 11.Saad AGF, Goldfeld M. A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica. *Pró-Fono.* 2009;21(3):255-60.
- 12.Dobbinson S, Perkins M, Boucher J. The interactional significance of formulas in autistic language. *Clin. linguist. phon.* 2003; 17(4,5):299-307.
- 13.Rêgo FLB, Carvalho GMM de. Aquisição de linguagem: uma contribuição para o debate sobre autismo e subjetividade. *Psicologia: ciência e profissão.* 2006;26(1):12-25.
- 14.Moro MP, Mezzomo CL, Ramos-Souza AP. O brincar e a dialogia na terapia fonoaudiológica de casos do espectro autístico. In: Fernandes CM, Rassial JJ (org Crianças e Adolescentes: encantos e desencantos, 1ª ed.São Paulo: Instituto Langage, 2012, p. 167-176.
- 15.Winnicott DW. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed; 1983.
- 16.Winnicott DW. Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago; 2000.
- 17.Hedenbro M, Tjus T. A case study of parent-child interactions of a child with autistic spectrum disorder (3-48 months) and comparison with typically-developing peers. *Child Language Teaching and Therapy.* 2007;23(2):201-22.
- 18.Wachtel K, Carter A. Reaction to diagnosis and parenting styles among mothers of young children with ASDs. *Autism.* 2008; 12(5):575-94.
- 19.Ramos-Souza APA linguagem em uma perspectiva enunciativa: análise de um caso do espectro autista. In Schimdt C. (org) *Autismo, educação e transdisciplinaridade.* Papyrus, Campinas, 2013, p.105-124.
- 20.Catão I. O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo. São Paulo: Instituto Langage; 2009.
- 21.Laznik MC. A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. Salvador: Álgama; 2004.
- 22.Fernandes FS. O corpo no autismo. *PSIC – Rev. Bras. Vetor Ed.* 2008; 9(1):109-14.
- 23.Di Napoli FO, Bosa CA. As relações entre qualidade da interação mãe-criança e o reconhecimento da imagem de si em crianças com autismo. *Rev. bras. crescimento desenvolv. human.* 2005 dez; 15(3):11-25.
- 24.Moro MP, Ramos-Souza AP. A entrevista com os pais na terapia do espectro autístico. *Rev.CEFAC,* 2012; 14(3):574-87.